



Do texto ao filme. Nelson Rodrigues em “A desconhecida”, de “A vida como ela é”¹

Adriano Siqueira Ramalho PORTELA²

Maria do Carmo NINO³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O presente artigo traz uma análise intersemiótica entre o conto “A desconhecida”, de Nelson Rodrigues – o texto faz parte da coletânea ‘A vida como ela é’ (2006) e o vídeo “Para sempre desconhecida”, adaptação de Euclides Marinho e direção de Daniel Filho. O produto audiovisual fez parte da telessérie “A vida como ela é”, exibida no programa Fantástico, da Rede Globo. A proposta deste estudo é, além de comparar, entender os acréscimos culturais ao se ter um autor do porte de Nelson Rodrigues transcodificado para a mídia massiva que é a televisão.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; análise; A vida como ela é; vídeo; televisão.

Abstrac

This paper presents a comparative analysis of the short story "The Unknown" by Nelson Rodrigues - the text is part of the collection 'Life as it is' (2006) and the video "Forever unknown," adaptation of Euclides Navy and direction by Daniel Filho. The audiovisual product was part of telessérie "Life as it is," appears in the Fantastic program, Rede Globo. The purpose of this study is beyond compare, understand the cultural accretions to have a port of the author Nelson Rodrigues transcoded to the mass media that is television.

Keywords: Nelson Rodrigues, intersemiotic analysis, Life as it is, video, television.

O filme e a literatura

Em meio a essa indústria cultural imagética que vivemos, diversos são os debates em torno da adaptação livro-filme. Não vamos, neste artigo, entrar na discussão sobre a fidelidade ao original, até porque esse é um tema já bem analisado pelos pesquisadores. Robert Stam, em seu artigo “Teoria da adaptação: da fidelidade à intertextualidade”

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Jornalista. Mestrando em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e-mail: reporterportela@gmail.com

³ Orientadora do artigo. Professora do curso de Pós-Graduação em Letras e Literatura da UFPE, e-mail: carmonino@gmail.com



(2006) nos diz que “[...] a retórica padrão comumente lança mão de um discurso elegíaco de perda, lamentando o que foi ‘perdido’ na transição do romance ao filme, ao mesmo tempo que ignora o que foi ganho” (2006, p. 20).

É, justamente, neste quesito do “ganho” que vamos direcionar nosso estudo. Ganhamos quando mantemos viva a obra de Nelson, numa crescente: texto, cinema, TV e internet.

A professora Linda Hutcheon norteia nossa investigação quando explica que “adaptações são recodificações, ou seja, traduções em forma de transposições intersemióticas de um sistema de signos (palavras, por exemplo) para outro (imagens, por exemplo)” (2013, p. 40). Quando um roteirista está em frente ao seu computador, ele vai ter que dar ao texto a linguagem cinematográfica. Mesmo que inconscientemente, ele acaba escrevendo pensando em planos, enquadramentos, cortes. O adaptador tem a liberdade de criar personagens, elaborar cenários, eliminar cenas que estavam no livro, cortar personagens importantes da obra literária, mudar ou manter títulos, enfim, ele não fica preso a estrutura do autor, ele vai dar vida a uma nova obra de arte, o filme.

Nelson por Nelson

Nascido no dia 23 de agosto de 1912, no Recife, Nelson Falcão Rodrigues é quase um personagem de si próprio, ele teve uma vida marcada por tragédias familiares, casos amorosos, censura e na infância teve que conviver com uma tuberculose, doença que lhe rendeu sequelas. Seu pai, Mário Rodrigues, dono do jornal do Recife, mudou-se para o Rio de Janeiro, devido a intrigas políticas, a cidade virou o principal cenário para as histórias de Nelson, que iniciou sua carreira como jornalista aos 13 anos, nas páginas policiais do jornal do seu pai, o “A Manhã”. Nelson foi aprimorando a sua escrita e em pouco tempo seus personagens começaram a se mexer, literalmente. O pernambucano-carioca passou a escrever para o teatro e suas 17 peças foram e ainda são sucesso de público e crítica no Brasil e no exterior. “Nelson nunca esperou que uma peça sua despertasse a ‘consciência nacional’. Ficaria satisfeito se ela despertasse uma ou outra consciência individual”. (CASTRO, 1992, p. 251)



Em 2012 o escritor, jornalista e dramaturgo completaria 100 anos. Espetáculos como: “A Falecida”, “Vestido de Noiva” e “Toda Nudez Será Castigada” foram remontados, entre as várias homenagens ao autor pelo Brasil. Além de toda a sua produção literária, jornalística e dramaturgic, a sua oralidade também ficou marcada; sempre que escutamos expressões do tipo: “Batata!” ou “Toda unanimidade é burra”, já sabemos, Nelson.

Nelson Rodrigues e o audiovisual

O professor e pesquisador Ismail Xavier (2003) ressalta que Nelson é um dos autores mais transcodificados para o audiovisual. Antes das adaptações para a televisão e para o cinema, Nelson, em 1963, já escrevia direto para a mídia TV. Sua primeira telenovela foi encomendada pela TV Tupi e chamava-se ‘A morta sem espelho’. O enredo era sobre uma mulher que não conseguia se enxergar no espelho; a obra foi dirigida por Sérgio Brito. Um ano depois ele escreveu ‘Sonho de amor’, com Fernanda Torres no elenco, e ‘O Desconhecido’, estrelado pela atriz Nathalia Timberg.

Em seguida vieram as adaptações para as telas. As novelas “Meu destino é pecar” e as duas versões de “Engraçadinha” – a última com atuação de Alessandra Negrini -, são as mais comentadas e pesquisadas pelos rodriguanos. As telenovelas foram exibidas na Rede Globo de Televisão.

O cinema serviu como grande divulgador da obra do pernambucano. Até agora mais de 20 filmes⁴ foram baseados nos textos de Nelson, e alguns com mais de uma versão, como por exemplo “Bonitinha, mas ordinária”, que foi ao ar em 1963, com direção de JP Carvalho, em 1981, dirigido por Braz Chediak e em 2008, por Moacyr Góes, com Letícia Colin e João Miguel no elenco. Outros textos que foram para telona: Boca de Ouro, Asfalto Selvagem, A Falecida, Toda Nudez será Castigada, O Beijo no Asfalto, Perdoa-me por me traíres, Vestido de Noiva e A Dama do Lotação – esse chega a ser um dos filmes mais vistos no Brasil, com mais de 6,5 milhões de espectadores⁵. Ele foi ao ar em 1978, dirigido por Neville d’Almeida e estrelado por Sônia Braga.

⁴ Disponível em: <http://alemdooscar.pop.com.br/conheca-alguns-filmes-inspirados-em-livros-de-nelson-rodrigues/>

⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/tag/a-dama-do-lotacao/>



A vida como ela é – Jornalismo, Literatura e TV

“A vida como ela é” foi uma coluna, a princípio, publicada no jornal “Última Hora”, de Samuel Wainer. Nelson, que já havia passado pelos periódicos A Manhã, Crítica, Jornal dos Sports e O Globo, aceitou a proposta do editor e começou a entrar no ramo do jornalismo policial literário. Wainer, no seu livro “Minha razão de viver: memórias de um repórter” relembra como convenceu o escritor:

Num domingo recebi a notícia de que um casal que viajava em lua-de-mel morrera na queda de um avião. Achei que aquela história poderia render uma excelente reportagem. Chamei Nelson Rodrigues, meu redator de esportes, e perguntei-lhe se aceitava escrever uma coluna diária baseada em fatos policiais. Nelson recusou. Resolvi enganá-lo, e contei que André Gide já fizera isso na imprensa francesa. Defendi também a tese de que, no fundo, Crime e Castigo, de Dostoievski, era uma grande reportagem. [...] Nelson afinal cedeu. Sentou-se à máquina e, pouco depois, entregou-me o texto sobre o casal que morrera no desastre de avião. Era uma obra prima, mas notei que alguns detalhes – nomes, situações – haviam sido modificados. Chamei Nelson e pedi que fizesse as correções. – Não, a realidade não é essa – respondeu-me. – A vida como ela é é outra coisa. Eu me rendi ao argumento e imediatamente mudei o título da seção. Deveria chamar-se “Atire a primeira pedra”, mas ficou com o título de “A vida como ela é”, que considero um dos melhores momentos do jornalismo brasileiro (1987, p. 152).

A coluna, inaugurada em 1951, foi um sucesso e durou dez anos no Última Hora, em seguida ela passou a fazer parte do jornal Diário da Noite, de Assis Chateaubriand. Também no ano de 1961, Nelson escolheu os cem melhores textos e eles foram alvos de inúmeras publicações. “A vida como ela é” trazia como tema principal, retratado nas quase duas mil histórias, o adultério. O cenário era o Rio de Janeiro e os personagens integravam a sociedade carioca dos anos 50. Nelson tornou-se um dos jornalistas mais famosos do Rio de Janeiro e a coluna começou a deixar o papel, partindo para outras mídias. Foi de “A vida como ela” que “A dama do Lotação” (um dos contos) ganhou adaptação para o cinema e teve um sucesso esplendoroso; mas o nosso *corpus* de análise está pautado na televisão.



Em 1996, o Fantástico, programa de jornalismo e entretenimento da Rede Globo⁶, levou o universo rodriguiano para a TV. Euclides Marinho, autor de séries de televisão e também diretor de fotografia, foi o responsável pela adaptação e criação dos roteiros; a série homônima teve 40 episódios, cada um com aproximadamente nove minutos, e foi filmada em película, o que deu um tom cinematográfico ao trabalho. A direção ficou por conta de Daniel Filho e Denise Saraceni; no elenco nomes como Tony Ramos, Malu Mader, Marcos Palmeira, Laura Cardoso, Gabriela Duarte, Maitê Proença e outros. Os narradores foram Hugo Carvana e José Wilker.

A desconhecida – do texto ao filme

Na reedição de “A vida como ela é” (2006), da editora Agir, o conto “A desconhecida”, é o último das cem narrativas publicadas no livro e um dos primeiros episódios da série homônima exibida no fantástico; se formos tomar por base a gravação em DVD, o episódio é o primeiro do segundo volume. Na adaptação para a TV, a história ganhou novo nome, passou a chamar-se “Para sempre desconhecida”⁷. Para tentar entender o porquê desse título ter mais palavras do que o título literário, poderíamos levar em conta as seguintes hipóteses: primeiro, a televisão precisa vender, anunciar o seu produto, é uma mídia que, na realidade, vive de chamar o público para assistir a sua produção, essa seria uma alternativa; segundo, podemos levar em consideração a questão pessoal, sabendo que o adaptador, Euclides Marinho, gosta de títulos grandes. O seu primeiro trabalho no cinema levou o nome de “A Estrela Sobe (1974)”, de Bruno Barreto; na TV, integrou a equipe de autores da série “Ciranda Cirandinha” (1978), e a sua, até agora, produção mais recente, a minissérie, cujo título é: “Felizes para sempre?” (2015), de Fernando Meirelles. Em entrevista ao site Memória Globo, Euclides define seu modo de produzir: “O jeito como eu trabalho é muito curioso. Detesto pensar antes, detesto fazer escaleta. Gosto de sentar e escrever. Quando paro de escrever e me levanto da cadeira, esqueço o que estava escrevendo”⁸.

⁶ Informações da Memória Globo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/a-vida-como-ela-e.htm>

⁷ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JUK-cMpJUy4>

⁸ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/euclides-marinho/euclides-marinho-trecho-da-entrevista-ao-memoria-globo.htm>



A desconhecida traz a história do namorado Andrezinho (Marcos Palmeira), que recebe um desafio de conquistar uma mulher belíssima, o problema é que Peixoto (Tony Ramos), o mesmo que lançou a proposta, implica em não dizer o nome da donzela. Andrezinho acaba se apaixonando por uma dona cujo rosto ele nunca tinha visto. A trama se passa, em grande parte, em um boteco no Rio de Janeiro.

O conto possui apenas cinco páginas, na TV a narrativa ganha nove minutos. A série tem uma abertura padrão e uma trilha sonora temática. Quase todos os episódios são iniciados com a imagem de uma máquina de escrever (poucos são os que começam com alguma cena e um pequeno trecho de diálogo). Em primeiríssimo plano⁹, o telespectador vê o título do episódio sendo escrito, escuta o som da máquina de escrever, e em seguida se depara com a inesquecível trilha sonora, a música "This Gun For Hire"¹⁰, de Jazz at the Movie Band, e a voz do narrador (José Wilker) iniciando a trama. Outras músicas que estão em quase todos os casos narrados são: Me deixas louca, de Elis Regina; Ouça, de Maysa; Segredo, Dalva de Oliveira; Se Queres saber, Nana Caymmi e Ilusão a toa, de Jonny Alf.

Devemos observar que os narradores – conto e TV - são diferentes, cada um tem uma característica própria, mesmo que, em alguns trechos do filme, a narração do texto apareça na íntegra. Como distinguir essas diferenças? Basta analisar ambos, o narrador do texto preza por mais detalhes, o do audiovisual é mais objetivo. No livro, por exemplo, ele traz informações do tipo: “Aproximava-se segurando um pedaço de pão e ainda mastigando” (RODRIGUES, 2006, p. 601); na telessérie o personagem Peixoto já entra em cena dialogando e sem o pão. O narrador fílmico só é um pouco mais detalhista na abertura do episódio, já que ele precisa apresentar o protagonista ao telespectador e fazer com que ele se interesse pela história. A finalidade: audiência. “A princípio Andrezinho fazia por brincadeira, mas com a repetição aquilo tornou-se um vício, o fato é que perguntava por toda parte” (RODRIGUES, 2006, p.602). No papel, a narrativa é iniciada justamente com essa pergunta de Andrezinho “Sou ou não sou bonito?”.

⁹ Imagem bem fechada em algum objeto ou pessoa.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zL9PqXnNTbY>



Na TV alguns elementos podem resolver as passagens de tempo, desde o próprio narrador, como imagens de apoio¹¹, ou transição entre cenários. No livro, a troca de cenários fora resolvida com o simples intertítulo: “o bonito”. No vídeo, precisou-se do narrador, da trilha e da imagem para cobrir o texto falado. A transição foi do bar para a praia, da praia para o quarto, e lá se desenvolveu uma sequência de *flashbacks*¹² das mulheres que freqüentavam o local. Mas isso não significa ser um padrão, no segundo intertítulo, “misteriosa”, ocorre o contrário, o filme utiliza um simples efeito de corte, saindo da imagem de Andrezinho no carro com duas mulheres para o bar. No texto temos a introdução do narrador:

“Até que, numa conversa de café, o Peixoto, que não gostava do Andrezinho, diz que conhecia uma fulana. Andrezinho saltou. Já com seu instinto de sedutor nato em polvorosa, pôs a mão no ombro do outro: - Pra mim, não existe a mulher inconquistável.” (RODRIGUES, 2006, p. 602).

Alguns elementos textuais, na TV são resolvidos apenas com imagens. A narrativa traz que Peixoto saía com sua perna mais curta do que a outra; na série basta mostrar o movimento da personagem. É como se a câmera fosse o nosso olhar, o telespectador acompanhando cada passo; no cinema e na TV chamamos essa técnica de câmera subjetiva.

O filme deve dar ao espectador a impressão de estar folheando as páginas do livro, acompanhando os personagens, suas ações e suas aventuras, mas tudo isso deve ser realizado de uma maneira autônoma, através de um ponto de vista totalmente diferente: o olho da câmera. (ROSA, 2007, p. 298).

“Nessa noite, Andrezinho custou a dormir. Estava acostumado à mulher bonita, à conquista fácil, mas o fato é que Peixoto soubera criar uma sugestão diabólica. Quem seria? Como Seria?” (RODRIGUES, 2006, p. 603). Neste terceiro intertítulo os narradores – texto e filme – iniciam com as mesmas palavras. Na TV se ganha o acréscimo da bela voz de Elis Regina, interpretando a canção “Me deixas louca”. E a frase “Que mágica besta” (RODRIGUES, 2006, p. 604) fecha as duas partes, a textual e a fílmica.

¹¹ Imagem de detalhes da cena, das ações. Elas servem como *insert* (inserção) durante o episódio.

¹² Como se fosse uma volta no tempo. Imagens mostrando o que já aconteceu.



Os dois últimos intertítulos (conto) e as cenas finais (filme) são marcados por pequenas trocas de palavras. O texto traz “edifícios”, a TV vem com “Catedrais”; Nelson escreve que Andrezinho estava em pânico por estar apaixonado por uma mulher que não sabia qual era o rosto; Euclides Marinho e Daniel Filho mostram esse desespero. Na cena várias mulheres nuas, sem aparecer o rosto, permeiam os pensamentos do galanteador. A trilha principal (*This Gun For Hire*) volta no anúncio da morte de Peixoto.

[...] ao atravessar uma rua, Peixoto morrera imprensado entre um bond e um ônibus. Andrezinho uivou: ‘Morto?’ E soluçava: ‘Não é possível! Não pode ser!’ Uns quinze minutos depois entrava no necrotério. Ao ver o outro, na mesa, definitivamente silencioso, sentiu-se condenado a amar uma mulher, que jamais conheceria. Enfureceu-se. Atirou-se ao cadáver, sacudia-o, gritando:

-Diz o nome! Quero o nome! Fala!...

Foi agarrado, dominado. Então, caiu de joelhos, no ladrilho. Seu choro era grosso como um mugido.

Cena final. Plano fechado. Close no rosto de Peixoto. Imagem fica num tom cinza, dando a ideia de uma página de livro já desgastado.

Conclusão

Podemos ultimar que as duas obras “A vida como ela é” (literatura) e “A vida como ela é” (TV) somam na divulgação do nome Nelson Rodrigues. Seu texto grita por ser lido, grita por outras mídias. O teatro rodriguiano é o nosso cotidiano, a TV e o cinema estão arraigados em nossa vida. O próprio Nelson dizia que o mais importante que ler é reler; podemos levar esse pensamento para o campo intersemiótico e transformar essa releitura em outras mídias.

“A desconhecida” ou “Para sempre desconhecida” trazem elementos textuais e imagéticos enriquecedores para a nossa pesquisa. É um texto gostoso de trabalhar, curto, onde podemos nos ater aos detalhes, comparando – paulatinamente – texto e filme; observando a atuação dos atores em cima da dramaticidade de Nelson. Com o olhar crítico percebemos as cores que o diretor e o diretor de arte escolheram para a



obra, um tom mais nublado, uma imagem mais cinza, trazendo um pouco da tensão dos nossos problemas, geralmente um dia nublado significa um dia triste, remete-se a etimologia de uma quarta-feira de cinzas, um dia parado, fim de uma época de festejo, e ao mesmo tempo – percebemos isso mais para o final do vídeo – que essa cor aparenta representar um papel já desgastado. Fica a impressão que Daniel Filho quis aludir aos originais rodriguianos.

Nelson Rodrigues, Daniel Filho e Euclides Marinho, no fim das contas, estão trazendo a tona a nossa realidade e fingindo que ela é uma ficção. Termino este estudo com um pensamento de Iser: “O ato de fingir é, portanto, uma transgressão de limites” (2002, p. 958).

Referências

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução: André Cechinel, 2º ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura**. São Paulo: editora34, 1996.

LIMA, Luiz Costa. **Os atos de fingir** ou o que é fictício no texto ficcional, Wolfgang Iser in Teoria da Literatura e suas fontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ROSA, Gian Luigi. **Entre o Cinema e a Literatura**. Do texto literário ao conto cinematográfico: breve excuro da transposição cinematográfica no Brasil. . Disponível em: <http://publique.rdc.pucrio.br/revistaalceu/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=25&in_foid=286&sid=27>. Acesso em 15 jan. 2015.

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade**. New York University: Florianópolis, 2006.

XAVIER, Ismail. **Do Texto ao Filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema**. In: _____. Literatura, cinema e televisão. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003a.



WAINER, Samuel. **Minha razão de viver:** Memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 1987.